

* 9 NOV 1980

O sereno do imortal

Ao fim da sessão de posse na Academia, o presidente Figueiredo pediu ao senador José Sarney que o levasse até sua mãe, D. Kyola, a quem queria cumprimentar. Tentando atravessar a multidão dos que saíam, dos que afinal conseguiam entrar e dos que o cercavam para cumprimentá-lo, Sarney viu-se afinal, na área externa do Petit Trianon, como menino perdido em procissão: não achou a mãe e perdeu-se do presidente. Mas sentiu-se recompensado pela contemplação do espetáculo que, no nervosismo da chegada, não percebera: havia sereno — o povão que nos grandes eventos fica na rua vendo passarem as estrelas.

★ ★ ★

Ao lado dessa, conta Sarney, foi grande sua emoção ao receber o abraço de um velho cabo eleitoral do interior do Maranhão, que veio ao Rio de ônibus.

É possível que tenha sido esse cabo eleitoral o fã humilde que só varou a barreira da segurança pela intervenção do deputado maranhense Luís Rocha, que de saída impõe respeito pela estatura. Rocha conteve o obstáculo pelo ombro e fez passar o convidado:

— Esse entra porque veio por amor.

★ ★ ★

Na pesquisa que fez sobre José Américo, seu antecessor na cadeira 36, o que mais impressionou Sarney foi uma das últimas frases do velho tribuno paraibano, já aos 92 anos, perto de morrer:

— A inflação não tira do bolso, tira da boca.

Quando Sarney procurou a antiga secretaria de José Américo, na Paraíba, ela, mexendo nos papéis do arquivo sob sua guarda, emocionou-se e chorou:

— Quanta ternura, senador, atrás daquele rosto tão enfezado.